

INTERAÇÕES SOCIAIS NA MODERNIDADE LÍQUIDA: Relações dirigidas segundo uma lógica de mercado

**Rafael Alves,
FaSF,
rafaelpinho@yahoo.com.br**

**Samir Antonio Silvestre Dias,
FaSF,
Psicologosamir91@gmail.com**

**Renan Gomes de Moura,
UNIGRANRIO/FaSF,
renangmoura@gmail.com**

**Marcus Vinícius Barbosa,
UV/FaSF,
Marcus.barbosa1979@gmail.com**

RESUMO

O presente artigo possui como objetivo avaliar os modos de interação humana na modernidade líquida. Para tal, utilizou-se das obras de Bauman para caracterizar esses modos de interação. Portanto, o texto percorrerá pelo processo que se constitui a sociedade moderna até o presente momento da modernidade líquida assinalando suas diferenças no tocante aos devidos conceitos. Definindo um indivíduo subjetivado pelo mercado e formatado em um indivíduo privado, consumista e cerceado do meio social. As relações modernas tornam-se determinadas por um estado de obsolescência, onde a permanência não está em voga. Ainda, a disposição de verificar-se o custo benefício das relações, as suspeitas mediante ao outro e o fracasso do indivíduo em buscar uma autoafirmação premedita tais condições. Assim, o texto procura desenhar esse indivíduo em processo de fragilização dos vínculos cuja atonicidade repercute em um sentimento de inconstância e desamparo mesclado a necessidades narcísicas do consumo. Com isso, o que é afirmado na modernidade líquida é o indivíduo pan-pós óptico, cuja natureza empreende e investe em si. Esse indivíduo consumidor, não somente consome objetos, mas ideais, padrões inconstantes que se tornam inválidos mediante ao novo e objetificam as relações humanas sobre o escopo do fetiche da mercadoria.

Palavras-chave: liquidez; mercado; subjetividade; relações; sociedade.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como intuito observar as constatações de Bauman quanto às relações da modernidade líquida. O intuito é o de observar as constatações do autor durante entrevistas a fim de se aproximar do pensamento do mesmo em sua obra quanto ao indivíduo marcado pelos moldes do mercado.

Na modernidade líquida se apresenta a hipótese da desintegração do sujeito de seu núcleo social. Com isso, há uma perda da força coletiva e da dimensão afetiva e participativa do indivíduo em suas esferas de vivência (BAUMAN, 2004). Dada a premissa da perda de poder do Estado, que cede o lugar a forças do mercado para que possa suprir determinadas demandas sociais, considera-se que o sujeito se desencanta com a representação social. Os laços humanos, outrora dependentes da interação, dialética e da manutenção de sua durabilidade desvanecem, dando lugar a figura de um indivíduo privado (BAUMAN, 2001). Tal indivíduo privado, de subjetividade consumista, auto afirmado e responsável por sua própria condição repercute em um desmantelamento dos laços sociais. Laços esses, que dependem da Constância que se perdem na modernidade líquida.

Com isso o presente artigo tem como intenção assinalar aspectos dos laços contemporâneos a partir da modernidade líquida de Bauman (2001). Para isso, em um primeiro instante o artigo articulava as diferenças entre a modernidade e modernidade líquida. Traçando o percurso entre uma sociedade sólida, com limites ditados e tempo espaço limitados até a modernidade líquida, leve. Modernidade líquida tal, onde o excesso é a causa do conflito interno do indivíduo, onde igualmente perde-se as fronteiras e a sensação de pertença. Nesse dado momento valerá se de outros referenciais que, apesar dos seus pontos contraditórios, dialogam entre si. Em um segundo momento, o artigo articulava o conceito de panóptico e poder enquanto disciplina até a crise das intuições em Deleuze, para enfim chegar ao conceito de pós panóptico de Bauman. O objetivo nesse momento é elucidar brevemente sobre como os meios disciplinares moldam o indivíduo (FOUCAULT, 1979), passando pela sociedade de controle e finalmente ao estado do panóptico subjetivado no indivíduo. Com isso, definindo a figurado homem privado, consumista produtor e reproduzidor de uma autoafirmação. No terceiro ponto do texto, a partir de entrevistas do autor de modernidade e amor líquido, se contemplava os modos de interação humana marcados pela figura do mercado. Da coisificação da vida, do indivíduo, onde as relações se dispersam de acordo com o cálculo de seu custo benefício. Sendo então, o objetivo primeiro do texto o de verificar os modos como se dão a interação humana marcada pela inconstância, obsolescência e consumismo em uma era onde cada vez mais perdem-se as fronteiras, direções e união da força coletiva.

Os objetivos específicos do texto são o de verificar as diferenças entre uma modernidade e outra segundo Bauman. Definir as diferenças e semelhanças entre a sociedade disciplinar e a sociedade de controle e, por fim, da modernidade líquida mostrando como se produz

subjetivação no sujeito durante a transição. Em seqüência articular como se dão tais interações de um indivíduo marcado pelo mercado, mostrando os reflexos do capitalismo e consumo (se é que é possível não ser redundante ao usar esses dois conceitos) para articular com as entrevistas e reportagens de Bauman (2015). O objetivo principal, é exatamente o de avaliar as disposições sobre o relacionamento contemporâneo sobre a ótica de entrevistas e materiais do autor. Não somente para determinar o já tão em voga individualismo, mas para acrescer a urgência de uma questão ainda em pauta, volátil e, portanto, tão inacabada quanto a própria modernidade líquida.

A metodologia utilizada é revisão bibliográfica e análise videográfica, sendo qualitativa, pois busca compreender a correlação entre o discurso de Bauman e o caminho teórico que ele utilizou para traçar sua teoria, além de outros textos que tem correlações diretas e indiretas com sua proposta.

2. DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS DE UMA MODERNIDADE LÍQUIDA

Para compreender as modulações das relações sociais na contemporaneidade, deve se primeiramente atentar-se as características que compõem dada época. A modernidade se caracteriza segundo Bauman (2007), pela transição de uma condição de solidez para uma estrutura líquida. Tal condição se configura como uma instabilidade e incerteza diante instituições e relações sociais.

A característica da modernidade se atenta a uma condição perpetua onde a mutabilidade é a única condição concreta, sendo característico a:

[...] propensão a mudanças, mobilidade e inconsistências, da superficialidade dos vínculos, o desengajamento, o desvencilharem-se, o esfriamento das relações humanas em todas as esferas da vida social... (Amaral *et al* 2014, p. 140)

Ainda nesta mesma linha de raciocínio, caracteriza-se:

[...] a separação entre o poder e a política visível na supervalorização do indivíduo em detrimento ao Estado; enfraquecimento da ideia de comunidade; o fracasso do planejamento a longo prazo e a queda de instituições norteadoras e responsabilização individual pelo fracasso ou sucesso da vida pessoal. (Silva *et al* 2015, p.250)

Assim sendo Verbicaro e Soares (2017) na modernidade líquida as relações se baseiam em um estado transitório, tanto no que se diz respeito a referenciais institucionais, quanto no que se diz respeito aos modos de interação humana com seus pares. Consequente, a responsabilização individual de um sucesso ou insucesso também é um expoente crucial para se compreender a modernidade líquida. Atentando ao fato de que a definição de sucesso, felicidade, fracasso ou insucesso dever-se-á ser dada a partir da figura de um indivíduo fictício. Esse mesmo indivíduo fictício, produto de uma abstração do modo de ser humano, torna-se então um modelo vigente de padrão de vida, de consumo e estilo em uma tendência momentânea.

Verbicaro e Soares ressaltam que:

Os padrões de vida, sucesso e beleza apresentados nas revistas e no cinema, nutrem-se da secreta satisfação de dispensar o esforço pela individuação, substituindo-o pelo esforço da imitação. Nesse sentido, a unicidade da subjetividade, bem como a liberdade e a autonomia individual não passam de um discurso retórico. A substituição “imposta” do individual pelo padrão estereotipado e heroificado há, no entanto, de tornar-se insuportável aos homens que nunca conseguirão alcançar o modelo artificial e de aparência dos heróis do cinema ou das modelos de capa de revista, resultando em negação da subjetividade, frustração e infelicidade por não ajustarem-se os indivíduos aos estereótipos rigorosamente projetados pela indústria cultural e divulgados pelos meios publicitários... (2017, p.116)

Segundo Câmara e Franciscatti (2015), o indivíduo não somente é desagregado de uma responsabilidade de ordem coletiva, como se aliena subjetivamente, ou seja, só existe como produto social, ou mediado socialmente. De tal maneira, torna-se explícita a necessidade de fazer-se dois adendos, primeiramente, um sobre a posição que o capitalismo ocupa em dado ponto e em um segundo momento do presente artigo, como se dá a troca social a partir de tal configuração. No primeiro momento, na modernidade sólida o sistema econômico capitalista ao criar uma abstração da esfera coletiva, comunitária, desrealiza a mesma de seu caráter corpóreo, material. Em suma:

[...] da anulação da comunidade imediata e do caráter ilusório da subjetiva, resta como única comunidade verdadeira a comunidade indireta posta pela abstração mercantil [...] O sujeito humano se anula, uma vez que sua ação só se confirma pela ação da abstração que ele põe em prática, ou seja, por meio do dinheiro e do valor mercantil – tornado o verdadeiro sujeito. (LIMA 2015, p.24)

De acordo com Alves e Iwata (2017), na passagem de uma modernidade sólida para a modernidade líquida, o que as diferencia está na perda de referenciais sociais, em determinantes institucionais e familiares em uma passagem do “macro para o micro”. Na modernidade sólida a característica é a de uma estabilidade dos modelos políticos, estatais e grupos sociais, onde instituições servem de referenciais. Nesse momento a estrutura social se dava por uma “[...] modernidade pesada, sólida, era o tempo do compromisso entre capital e trabalho, fortificado pela mutualidade de sua dependência” (CABRAL, 2017, p.13). Na passagem para uma modernidade líquida e com a perda desses referenciais teóricos há um estado de incerteza do indivíduo com relação ao todo, sendo a inconstância via de regra que norteia todos os aspectos da vida social. Silva, Mendes e Alves (2015) ressaltam que enquanto na modernidade sólida a produção mercantil servia-se a um propósito de um ideal coletivo de bem-estar humano, na modernidade líquida o que se apresenta é a busca individual. Com isso, os autores ressaltam que na modernidade líquida a “responsabilidade sobre a construção e execução das políticas da vida, seu sucesso e fracasso passam a ser de cada um”. O que se caracteriza por uma perda dos vínculos sociais que serviam como ponto de apoio para decisões do indivíduo.

Desde pequenos exemplos como estes até a responsabilidade pela vida em si, na sociedade capitalista contemporânea, o indivíduo é convocado a se tornar um consumidor e gerador de sua própria renda, sendo cada vez mais responsabilizado por sua formação e sucesso. Somado à dinamização da produção e do consumo, Bauman descreve que os indivíduos isoladamente são comumente convocados a solucionar problemas socialmente gerados, ou seja, resolver questões que ultrapassam sua esfera de resolução. Nesse contexto, sem os conhecimentos, habilidades ou recursos necessários para resolução de problemas que só poderiam ser resolvidos coletivamente, em atividades envolvendo grupos de pessoas organizadas para esse fim, retroalimenta-se o contexto de sensação de solidão amplamente disseminado pela contemporaneidade. (SILVA *et al* 2015, p.253)

Quanto ao estado moderno, Lima (2015) que a característica fundamental é que a existência dos homens na forma do Estado político implica uma abstração de sua existência na sociedade civil. Tal condição perpetuava em um estranhamento do sujeito mediante um modo de existir que não correspondia a realidade material (Barros; Nascimento, 2018). A alienação do homem se daria pela mercantilização de seu trabalho, pela artificialização de sua mão de obra. Conforme resalta Barros e Nascimento (2018), com a abstração do homem e de sua atividade pelo o aparato Estatal, forma-se uma mística de igualdade e liberdade, onde prevalece a exploração do sujeito pelo mercado. Ainda, Lima (2015) considera que o Estado moderno,

existe em uma condição de antítese da vida privada, dependente dessa condição para sua existência e se articulado a partir dos interesses do mercado.

Na modernidade líquida o que se observa é a debilidade do Estado, “Cujo poder que lhe concedia capacidade resolutiva foi açambarcado por outras instâncias econômicas e supraestatais” (Feitosa 2018; p.6). Conforme o Estado em crise passa a perder a sua capacidade resolutiva, o mercado prospera através de uma auto gerencia, adquirindo liberdade de ação e auto regulação. Nessa configuração de passagem de poder do Estado para o mercado global, o que se modula é a formação de indivíduos consumidores.

Com isso, em Feitosa (2018, p.9) observa que:

Individualismo e consumismo são ideais do paradigma econômico dominante e refletem a racionalidade de uma esfera da sociabilidade humana muito particular. Quando são transmitidos como propósitos a serem perseguidos pela sociedade, acabam por se configurar como malogros que trazem em seu revés mais incertezas aos indivíduos. (*apud*, BAUMAN, 2001).

Conforme o Estado é desassociado da regulação do poder, ficando a cargo do mercado, o sujeito consumidor emerge enquanto figura social. Esse indivíduo, tomado de incertezas, de um dever de consumir para se identificar enquanto indivíduo, encontra-se voltado aos objetos de consumo enquanto validação do eu. Configura-se então uma subjetividade desprovida de individuação, onde ideias de felicidade e do eu, são propagandeados e fomentadas de cima para baixo.

Kehl (2015, p.72), “O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou toda a vida social”. Espetáculo esse que se sustenta pela mercadoria e pela produção de mídia no qual o sujeito não somente, segundo o mesmo autor (2015, p.72), “Contempla essas imagens, mas que se identifica com elas, espelho espetacular de sua vida empobrecida”. Esse sujeito consumidor, passa a gerir sua vida social e afetiva sobre a égide do mercado, onde o imediatismo, o descarte e não deixemos de falar o consumo do outro, se define sobretudo sobre seu valor de capital.

Com isso, destacam-se alguns dos pressupostos fundamentais da modernidade líquida de Zigmunt Bauman, valendo-se de outros referenciais que corroboram com o objetivo do texto. Como observado, a modernidade líquida se constitui pela passagem de uma modernidade sólida onde “imperativos categóricos” correspondem ao processo de historicidade de dada época.

Segundo Silva *et al* (2015, p.251) “Entretanto, com a transição de estado de liquidez

permanente acaba por se constituir como um negativo de tais imperativos no sentido de haver um desarraigamento do indivíduo da comunidade com a perda de poder institucional e responsabilização individual da vida”.

Se por um lado, a modernidade sólida se constituía em um totalitarismo estatal que se moldara a partir de abstrações da comunidade através do mercado, por outro, temos o consumidor como sujeito que rompe com a instituição e volta-se diretamente a natureza mercantil do capital. O que se caracteriza é, que a perda de poder do Estado em nada anula a sujeição do sujeito perante as relações de poder. O que há de novo é uma passagem do poder do Estado para o privado, do institucional para o mercado desregulado e auto gerível. Portanto, o sujeito privado, o consumidor, é quem passa a ocupar os espaços da modernidade em constante mudança e desvalida de referenciais. Nesse ponto, esse sujeito, não mais trabalhador, mas consumidor passa a ser sujeito social na medida em que possui potencial de consumo.

3. APROXIMAÇÕES E DISTANCIMENTOS ENTRE FOUCAULT E BAUMAN

A modernidade líquida pode ser analisada através de outras óticas. O estado líquido dos vínculos humanos é atravessado intrinsecamente por relações de poder. Quando se fala em poder, é necessário compreender a complexidade na qual o mesmo se encaixa.

É importante pensar o poder, de forma desvinculada de conceitos como economia e repressão, sendo assim é compreendido que há toda uma estrutura social assim como uma rede de dispositivos, em que o poder se engendra.

Segundo Michel Foucault:

Trata-se, ao contrário, de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violento. (FOUCAULT, 1979, p.182)

O poder se encontra em todas as instituições, operando de inúmeras formas, tanto como aparelho repressivo e também direcionando a vontade humana na satisfação de desejos. O corpo torna-se força de trabalho através de um sistema político disciplinar e de domínio, tornando o

corpo dócil e controlando o sentimento de revolta. Com isso, as relações de poder na modernidade se caracterizam pela articulação de instituições privadas e estatais.

Segundo Rosa (2017, p.63) “Essa articulação constitui o *modus operandi* da regularização da vida coletiva a partir da produção de subjetividade”. Nesse sentido, é possível observar que as relações de poder para Foucault estão intrinsecamente ligadas e dependentes da teia de instituições que compõem a modernidade. Entretanto, não se resumindo somente às instituições, Rosa (2017, p.63) diz que “As relações de poder são exercidas na dinâmica cotidiana e atravessam o tecido social”.

Com isso, vigilância e poder passam não somente a serem regidos pelo conjunto de aparatos Estatais e privados, mas igualmente passam a ser efetivados a partir da vigia pelo outro na relação indivíduo e massa.

Na sociedade de controle deleuziana o que assistimos é a hipótese de uma crise das instituições que compõem a sociedade. Os meios disciplinares que se caracterizavam pelo espaço e tempo, pela captura dos corpos em tais espaços que se constituem para moldar o comportamento passam a perder fronteiras antes necessárias para a disciplina (Marchi, 2015).

Com isso, a sociedade de controle representa a perda dos limites fronteiraços possuindo como maior fundamento a saída de um sentido vertical, hierárquico, cedendo a horizontalização das estruturas de poder e informação.

Assim sendo:

[...] o foco era a disciplina o outro é o controle, e ambos são diferentes. O primeiro faz referência a um lugar fechado e de criar determinada ordem; o segundo de um controle a céu aberto – pode-se criar mais espaços de livre circulação sempre, mas juntamente a estes espaços é criado todo um controle da mobilidade. (Leopoldo, 2014, p.897)

Na sociedade de controle as fabricas passam a ser empresas, o limite definido passa a se constituir em um permanente estado de inconstância. O poder, segundo Marchi (2015, p.7) “Com a solidificação das sociedades de controle, adquiriu um caráter horizontal, anônimo e ilocalizável”. A relação entre indivíduo e massa da sociedade de controle também passaria a perder significação, tornando o indivíduo e o coletivo algo estatístico, cifrado.

Como ressalta Deleuze:

A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “dividuais”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “bancos”. (DELEUZE, 2010, p. 226)

Já Leopoldo (2015), ao definir o conceito de pós panóptico de Bauman refere-se ao homem caramujo. Esse homem caramujo, individualizado, seria uma existência privada cujo panóptico seria condicionado subjetivamente. No ambiente de empresa, esse novo sujeito se caracteriza pela responsabilidade pessoal do sucesso. O compromisso deixa de ser firmado objetivamente pela vigia do outro, para fundar-se subjetivamente no sujeito sobre a auto vigília e vigília do outro. Nesse aspecto, perde-se a necessidade de estruturarem-se métodos disciplinares uma vez que, a submissão do sujeito consiste em auto empreender-se e a empresariar-se. Portanto, retornamos às considerações de Feitosa (2018), quando refere-se a um indivíduo moldado pelas nuances do mercado, cuja responsabilização da vida se torna privada. O pan pós-óptico definir a figura do homem caramujo, considera esse homem privado, indivíduo de consumo, apartado de referenciais coletivos e auto gestor e competitivo. A esse indivíduo privado cabe a própria felicidade, seus fracassos e a vigiar-se.

Segundo Foucault (1979), há um processo de individualização do homem, como produção de poder e saber, pois não existe relação de poder sem a constituição de produção de saber.

O processo individualizante fragiliza os vínculos humanos, tornando-os meros objetos de consumo, fáceis e descartáveis. Bauman (2003), traz a ideia de que o ser humano se afastou das conexões físicas, ficando cada vez mais distante e superficial, cria laços frágeis, que são fáceis de se desfazer a qualquer momento, assim como mercadorias que podem ser trocadas ou descartadas quando for necessário. Amar o próximo, tem a responsabilidade de compreender o outro e aceita-lo na sua singularidade, as relações superficiais não são tão exigentes assim.

A vida humana passou por um processo de fragmentação, na qual deixou-se de pensar como comunidade. O século XX foi importante, pois caracteriza-se por ser a transição de uma sociedade de produção para uma sociedade de consumo. Essa transformação alterou drasticamente o que se entendia como significado e propósito de vida, o ser se tornou individualizado, não pensando mais em comunidade, mas pensando em si e na felicidade.

O processo de relação com o mundo moderno é consumista, a maneira de enxergar o mundo é através de uma ótica individualista e possivelmente descartável. As relações de poder, nas diversas esferas da sociedade proporcionou ao indivíduo a possibilidade de satisfazer suas

vontades, uma subjetividade fabricada através de uma imensa rede de oferta.

Segundo Bauman, (2003, p. 60) “Objetos de consumo servem a necessidades, desejos ou impulsos do consumidor”. Os custos desses objetos nem sempre são monetários, desafiam a racionalidade humana, pois algumas aquisições, se é que pode-se chamar assim, tem efeitos e caminhos desconhecidos e insondáveis.

Esbarrando nesse mesmo processo de sujeito individualizado a partir das relações de mercado Lima (2017) define a indústria cultural de Adorno.

Considerando a coisificação da vida em suas diversas instancias, no micro, macro, estatal, privado e produção cultural o autor considera um sujeito consumidor apartado da individuação. Esse indivíduo de individuação cerceada define-se então como sujeito, não somente modulado por instituições, mas inteiramente modulado a partir da propaganda e a soma total da indústria cultural. Nesse instante, o que Lima (2017) refere-se é a um sujeito cujo trabalho é prolongado para fora das fabricas pela indústria cultural e sua abstração das instancias da vida. Ainda, na modernidade a indústria cultural que perpetua o consumo, Segundo Lima (2017, p.92) “Produz uma atitude contemplativa do trabalhador que se vê impotente diante da organização do mundo que parece precedê-lo”. Nesse desfecho do texto, proponho que essa relação entre indústria cultural seja articulada com a espetacularização da vida para que possamos entender como se constitui o sujeito social em dado momento para outro. Por conseguinte, definindo como se constituem as relações sociais em Bauman buscando semelhanças nas propostas anteriores para o desfecho. Uma vez que não se possa abranger todo o conteúdo por motivos estruturais do presente artigo, o mesmo objetivara definir os pontos fundamentais para a questão-problema.

4. RELAÇÕES NA MODERNIDADE LÍQUIDA: INTERAÇÕES HUMANAS OBJETIFICADAS PELO MERCADO?

O laço social na contemporaneidade se caracteriza pelo estado de fluidez proposto por Bauman (2004) ao se referir ao aos vários aspectos estruturais da sociedade. O amor líquido, vem a ser uma condição afetiva e comunitária onde se perde a significação máxima do amor nas interações íntimas e em geral sociais. Tal conceito remonta a condição de um sujeito do consumo, onde as relações são objetificadas pelo capitalismo e definidas pela velocidade e por

uma obsolescência programada. De acordo com Bauman (2015), com o advento da internet e redes sociais o sujeito privado, individualizado e de subjetividade marcada pelo mercado vê-se desintegrado radicalmente do espaço comunitário.

Nas palavras do sociólogo:

A maioria das pessoas que está utilizando computadores tenta criar para si o que eu chamo de zona de conforto, uma câmara de eco. O único som que você ouve é o som de sua própria voz, ou um corredor de espelhos. A única coisa que você vê são os reflexos do próprio rosto. As zonas de conforto você não pode criar na rua, você não pode criar offline, você pode apenas criar online [...] É só você parar de responder a algo, parar de visitar os sites que você acha ofensivo. Você os desliga. (BAUMAN, 2015, 35:04/35:56)

Na modernidade, o que se engendra é o que Debord (1997 Apud Paiva; Oliveira, 2015) define como sociedade do espetáculo. Nessa sociedade do espetáculo, os indivíduos são sujeitados a uma proliferação massiva de informações de forma a serem posicionados a uma mera contemplação da vida cotidiana e da estrutura social. A vida torna-se uma abstração da mídia e cultura. A realidade social, é separada e generalizada pelo espetáculo. Tal condição se repercute através da necessidade do mercado por acumulo de capital. Consequente, o marketing e a mídia então se dispuseram de meios para capturar e idealizar a subjetividade do sujeito, para que assim, se efetivasse o sujeito consumidor.

Ademais:

[...] Para isso era preciso desenvolver uma subjetividade para a qual a falta de limites — não aquela que também existia no seio de certa nobreza, mas uma falta de limites estritamente ligada aos atos de mercado — não era algo criticável, mas, antes de tudo, uma conduta naturalmente humana. Isso significa dizer que, para realizar sua lógica sem limites, o capitalismo tinha que apelar para os espíritos. As imagens idealizadas da publicidade, do cinema, das revistas e das vedetes foram imprescindíveis para lograr esse feito. Ou seja, essas imagens passam a desenvolver uma ação pedagógica nos sujeitos desde a mais tenra idade, de modo que cada nova geração vai mostrando mais intimidade com a dinâmica da lógica mercantil e com o mundo espetacular que ela dissemina. (PAIVA; OLIVEIRA, p.146, 2015)

Por outro lado, na modernidade líquida o que se caracteriza em relação à subjetividade do sujeito e da informação, não reside mais em um estado de regime administrativo da mídia ou Estatal sobre a coletividade. Como já conceituado, o homem caramujo, é ele mesmo

investidor e proprietário de si, uma existência privada voltada a interesses próprios e atomizado da dimensão comunitária. Esse indivíduo, munido por informações da internet, abortado de uma dialética material passa a criteriosamente selecionar informações, fontes de “verdade” de acordo com o que lhe é preferível. Esse acesso a uma fonte de informação que lhe caiba aos próprios interesses, é de longe a maior característica do indivíduo consumidor da modernidade líquida.

Em outra entrevista, Bauman diz:

O que está acontecendo hoje é paradoxal, porque até mesmo a grande mídia de massa que para Bordieu era um instrumento de imposição a você, agora é muito usado por usuários de computadores, membros do facebook e outros, não existem forças externas. Existem instrumentos para reproduzir o mundo de acordo com imagens e preferências que nós compartilhamos. (BAUMAN, 2012, 8:49/9:32)

Com isso, o artigo não se dispõe a ter o processo de informação na sociedade como objeto de estudo. Contudo, vale-se e faz-se necessário relatar nesse ponto a visão dos dois autores que se encontram e se desencontram nos dois momentos. De fato, da modernidade para a modernidade líquida, pode-se observar que há um ponto em comum entre os dois. Ambos os autores definem um indivíduo voltado para o consumo. Na sociedade do espetáculo do capitalismo tardio, enaltece-se idealizações generalizadas a serem galgadas pelo sujeito como o supra sumo da realização humana, de felicidade (Kehl,2015). Em voga, esse sujeito cuja subjetividade é compelida para o consumo se sustenta na modernidade líquida, contudo, o caráter identitário genérico que se produz no sujeito é perdido.

Em sua análise do conceito de “identidade”, Bauman nos alerta para a necessidade do indivíduo construir seus processos identitários, ao ponto de repensá-los constantemente e modificá-los de acordo com a necessidade. Sendo, portanto, para ele, impossível ser estável numa sociedade cada vez mais instável (NASCIMENTO 2018 p.105 APUD BAUMAN, 2001).

No entanto, faz-se necessário uma ressalva quanto a afirmação de ausência de poder externo. Não se trata aqui, de dizer que o sujeito se ausenta de sua historicidade e se volta para um delírio, insondável, destituído do dinamismo social. Trata-se de afirmar exatamente esse sujeito histórico em um momento onde tais instancias de poder já estejam enraizadas em seu íntimo. Trata-se, também de afirmar esse sujeito social, o indivíduo da modernidade líquida, enquanto uma existência direcionada ao consumo. Onde tal consumismo se volta não somente

para objetos, mas para suas relações sociais.

Assim sendo, quanto à atual forma de interação da mídia com esse indivíduo carecido de entidade temos:

A sociedade do “faça você mesmo” como o IKEA, a loja de imóveis [...] Eles te dão a cozinha e você mesmo monta. “Faça você mesmo”. Então, isso é um problema. Os oficiais de censura tornaram-se redundantes uma vez que nós internalizamos a censura [...] Com a ajuda da chamada opinião pública, a pressão comercial da mídia, pressão dos jornais etc. Somos guiados pela primeira página do O Globo, por exemplo [...] De qualquer forma produz a opinião para nós. Não aceitam isso. (BAUMAN, 2015, 35:04/35:56)

Novamente, correndo o risco de incorrer a uma tautologia, faz-se de práxis recordar que o que a opinião “imposta” é aceita ou descartada de acordo com os interesses privados do sujeito. Então, o que lhe cabe ou não ao narcisismo será submetido ao exame minucioso do consumidor que poderá aceitar ou não (Bauman, 2012). Expondo suas reflexões quanto ao indivíduo auto afirmado da modernidade líquida, o pensador afirma:

Existem certas condições do ser humano como indivíduo se auto-afirmando, se autorregulando e até se auto controlando, de certa maneira [...] Eu chamo de estado permanente de mútua suspeita e competição. Todos nós estamos em competição potencial um com os outros [...] Por exemplo, a negociação coletiva. Todos os trabalhadores de uma fábrica ou escritório se juntavam e com o poder coletivo negociavam as condições de emprego. Isso foi desregularizado, não existe mais [...] As demissões periódicas, a economia periódica, a reestruturação periódica. Em alguns casos as pessoas são demitidas, são elementos necessários de uma boa administração [...] Porque coloca os membros remanescentes da equipe, olhando de forma suspeita para os seus colegas, não se unem para enfrentar seus patrões. Pelo contrário, tentam provar para os seus patrões que quando chegar na próxima rodada de demissões que o outro deve ser demitido e não eu. (Bauman, 2015, 22:01/23:52)

Ainda, quanto as interações sociais contemporâneas Moura e Côrtes (2015) ao analisarem as relações líquidas a partir de um aplicativo de relacionamentos escrevem:

A atual fase da globalização tem oferecido diversas possibilidades de opções aos sujeitos. Entretanto em uma sociedade, na qual o hoje se tornou obsoleto, a produção não tem conseguido suprimir uma das principais demandas dos indivíduos na atualidade: a falta de certezas. Essa carência tem conduzido um processo de liquefação dos laços sociais em que a busca pela segurança gera novas fragilidades. Nem mesmo o amor escapou ao este contexto de escolha e insegurança. Aliás, o escapismo é outro orientador do desorientado sujeito

contemporâneo. Nesse processo, a triagem e segmentação são as palavras de ordem, e entre as vitrines de alternativas constam os aplicativos de relacionamento, os quais têm se tornado protagonista no processo de conexão ou desconexão dos possíveis atores da narrativa amorosa. Desta maneira, a manifestação afetiva pode ser facilmente rompida com um desligamento da rede de contatos. (MOURA e CÔRTEZ,2015, p.11)

Por fim, Bauman (2015) refere-se ao estado de competitividade do indivíduo, onde a responsabilidade individual impera nas relações humanas como um estado de fragmentação do laço social. As relações são então “valoradas” como refreadores de uma nova oportunidade de maior valor ou custo benefício.

Nas palavras do autor ao relacionar uma metáfora do entrevistador a tal condição, temos:

[...] E é isso que cria a atmosfera de guerra, nada é certo, nada é seguro [...] Amigos podem se tornar inimigos. Não faz sentido desenvolver lealdade a alguém, até que a morte nos separe, porque aparecendo condições diferentes e circunstâncias diferentes todo o cálculo de ganhos e perdas pode mudar, e por aí vai.(BAUMAN, 24:02/24:14)

Dessa forma, um incômodo latente se envolve na esfera onde há interação humana onde as relações duradouras perdem significância.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades encontradas no artigo para articular toda amplitude de conceitos que constituem a modernidade líquida foi possível atentar-se a alguns de seus principais pontos. Ao menos no que se refere às diferenças entre modernidade e modernidade líquida, e aos modos de interação humana que compõem a modernidade inacabada, inconstante. Com isso, pode-se observar como o poder outrora fluindo pelos moldes estruturados do Estado na relação da antítese entre Estado e privado, fora modificado na hipótese de uma modernidade líquida. Uma vez que o poder passe a ser delegado por forças do mercado, desregulado e crescente percebe-se que tal fato constitui-se em uma globalização da mercadoria. De tal forma, tanto mercadoria quanto informação perdem assim como o poder as fronteiras estado-nação, para fluírem em um estado difuso globalizado. Com isso, com as novas maneiras de articular o capital, uma hora de acumulo outra de investimento, as fabricas passam a se constituir como empresas.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. M. P.; IWATA, A. H. Individualidade e pós-modernidade no pensamento de Bauman e na psicologia histórico-cultural. **Akrópolis**. Umuarama: 2017.

AMARAL, Shirlena Campos; PINHO, Leandro Garcia, MARTINEZ, Silvia Alicia; NASCIMENTO, Giovane do. Modernidade e individualismo sob a ótica de Bauman e Giddens. **Revista Científica Internacional**. Campos dos Goytacazes: 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BARROS, Rodrigo José Fernandes de; NASCIMENTO, Kelvis Leandro do. Capitalismo e felicidade: apontamentos sobre a teoria social contemporânea e o pensamento de Marx. **Intratextos**. Rio de Janeiro: 2018.

CABRAL, Juliana de lima. **Aspectos sociais, econômicos, políticos e jurídicos da relação homem-trabalho no contexto da modernidade líquida: uma síntese a partir de Bauman**. Centro Universitário Tabosa de Almeida. Caruaru: 2017.

CAMARA, Rodrigo Siqueira; FRANCISCATTI, Kety Valéria Simões. A psicologia social de Theodor Adorno na produção brasileira. **Psicologia & Sociedade**. Belo Horizonte:2016.

DUARTE, João Carlos. O desgaste do amor em meio às líquidas relações. **Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas**. Ipatinga:2016

Encontro com Zygmunt Bauman. Prof. João Manfio. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8c23xhnrLLU>> . Acesso em: 10 de Maio de 2019.

Entrevista exclusiva Zygmunt Bauman. Núcleo de Pesquisas em Estudos Culturais. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1miAVUQhdwM>> . Acesso em: 11 de Maio de 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LEOPOLDO, Rafael. **Vigilância líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LIMA, Bruna Della Torre de Carvalho. **Adorno, crítico dialético da cultura**. São Paulo: 2017.

LIMA, Rômulo André. Trabalho, alienação e fetichismo: categorias para a compreensão

marxiana do Estado e do político. **Rev. Bras. Ciências Política.** Brasília :2015.

Maria Rita, KEHL. O espetáculo como meio de subjetivação. **Concinnitas.** Rio de Janeiro: 2015.

SÁ, Olga de; RETZ, Raquel de Godoy. Introdução a BAUMAN: o mundo como texto. **Quanta Comunicação e Cultura.** São Paulo: 2015.

SILVA, Rafael Bianchi; MENDES, Jéssica Paula Silva; Alves; Rosieli dos Santos Lopes. **O conceito de líquido em Zygmunt Bauman:** Contemporaneidade e produção de subjetividade. Athenea digital. Vol 15(2), 249-264: 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenea.1511>

MARCHI, Caio Favero. **O design with intent como dispositivo de controle nas sociedades contemporâneas.** Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVIII Congresso brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro,RJ:2015

MOURA, Carolina Silva de; CÔRTEZ, Letícia Segurado. **O amor líquido na era do Tinder:** Uma análise da campanha publicitária do ministério da saúde sob a ótica baumaniana. Intercom- sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da educação. XXXVIII congresso brasileiro de ciências da comunicação. Rio de Janeiro: 2015

Observatório da Imprensa entrevista o sociólogo Zygmunt Bauman Tv Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kM5p8DqgG80>>. Acesso em: 10 de Maio de 2109.

PAIVA, Juliana Zanetti de. Robson; OLIVEIRA, José Feitosa de. .A sociedade do espetáculo: uma autotradução como crítica. **Revista non plus.** São Paulo: 2015.

ROSA, Tiago Barros. **O poder em Bourdieu e Foucault:** Considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar. Rev. Sem aspas. VI.6, n°1, p.3-12. Araraquara: 2017

VERBICARO, Loiane da Ponte Souza Prado; Soares, Dennis Verbicaro. A indústria cultural e o caráter fictício da individualidade na definição de consumidor- comunidade global. **Revista Jurídica Cesumar.** Maringá: 2017

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.